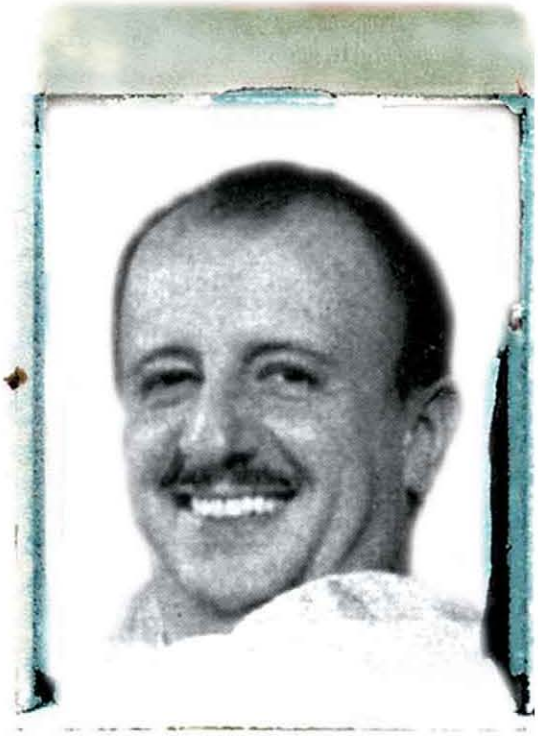
POR LUÍS ALBERTO ROCHA MELO

SILVEIRA SAMPAIO E O CINEMA

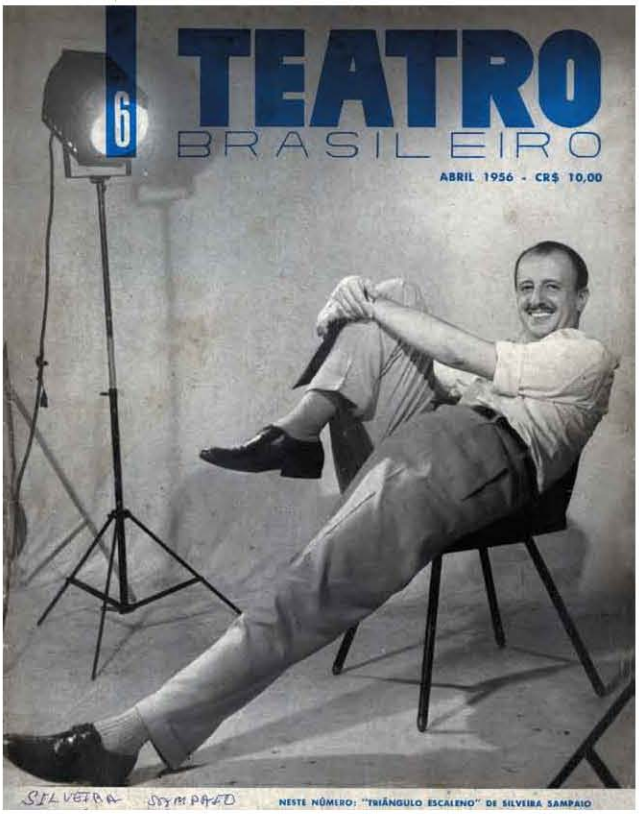


Com a exceção de círculos talvez restritos de pesquisadores e interessados, o nome de José da Silveira Sampaio (1914-1964) pouco ou nada evoca nas novas gerações. É difícil medir, hoje, o prestígio de que gozava esse médico pediatra, escritor, jornalista, ator, encenador, cineasta, revistógrafo e *showman* durante os anos 1940-60. Seus contemporâneos sobreviventes podem se lembrar da popularidade de suas peças teatrais e de seus programas de televisão, mas isso certamente escapa à esmagadora maioria do público que hoje frequenta o teatro, assiste aos múltiplos canais de TV ou navega pela internet.

Ao contrário de dramaturgos como Nelson Rodrigues ou Dias Gomes, Silveira Sampaio parece ter caído em um injusto esquecimento, a despeito das inovações que ele trouxe ao teatro, ao cinema e à televisão. Não é algo fácil de ser explicado, sobretudo se levarmos em conta o dado paradoxal de que o próprio Sampaio foi um dos responsáveis – involuntários – por esse esquecimento.

Um exemplo: em entrevista datada de abril de 1956, feita para a revista Teatro Brasileiro, perguntaram a Silveira Sampaio de que matéria se nutria seu teatro. "Das minhas observações sobre o que se passa à minha volta", ele respondeu. A pergunta seguinte tentava ser mais complexa: "Que indivíduos ou classes inspiram suas personagens? São elas baseadas em pessoas 'concretas'?". Sampaio respondeu que criava seus tipos a partir das classes as quais frequentava e das pessoas que conhecia. "Agora, se elas são 'concretas', eu não sei."

Avesso às teorizações e intelectualismos na arte, Sampaio procurava forjar a respeito de si e de sua obra uma aparência de descompromisso com a "posteridade", uma recusa irônica do lado pomposo do artista que quer deixar para a humanidade o legado de sua criação. Sampaio preferia frisar o aqui-agora da crônica dos costumes,



a transitoriedade das observações críticas, mesmo que estas procurassem atingir personagens tão diversas como o hipócrita de classe média, a esposa traída ou o então Presidente da República Getúlio Vargas.

Não por acaso, em uma reportagem publicada no jornal carioca Diário de Notícias (18/5/1952), Silveira Sampaio foi descrito como "um homem moderno, dinâmico, rápido", que tinha preferência por um pensamento à "americana", isto é, aquele que evidencia "as fórmulas lapidares, as afirmações sintéticas, enfim, os *slogans*". Esse dinamismo, ou essa inquietação – que o estimulava a se expressar sem cerimônia alguma através do cinema, do teatro, do jornalismo e da televisão –, resultou em uma obra que, por um lado, traduziu de forma precisa o seu próprio tempo e, por outro, permaneceu presa a ele, sendo aos poucos obscurecida pelas extraordinárias transformações que ocorreram no mundo a partir da década de 1960. Os anos que se seguiram não deixariam espaço para a dramaturgia de Silveira Sampaio.

Na trajetória desse autor, as relações entre os lados de teatrólogo e cineasta são bem menos óbvias do que se poderia supor. Por sugestão da família, o adolescente Silveira Sampaio ingressa na Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil. A carreira artística, no entanto, falaria mais alto: em 1931, aos 17 anos de idade, vence um concurso de novos autores promovido pelo Jornal do Brasil com a peça *Futebol em família*, escrita em parceria com o colega de ginásio Arnaldo Faro. A peça foi encenada naquele mesmo ano no Teatro São José, recebendo críticas positivas.

Foram necessários 17 anos até que um novo e considerável sucesso teatral – a comédia *A inconveniência de ser esposa*, encenada em 1948 pela Companhia Aimée-Joracy Camargo – marcasse o nome de Silveira Sampaio como autor, diretor e, pela primeira vez, ator. Data desse momento uma verdadeira guinada na carreira de Sampaio, que até então vinha se dedicando com todo afinco à pediatria. A partir daquele ano, a medicina será definitivamente substituída pelo teatro.

Desde 1945, porém, o cinema já dividia com o teatro as atenções de Silveira Sampaio. O primeiro trabalho profissional se dá na Atlântida, quando escreve o roteiro de *O gol da vitória* (José Carlos Burle, 1945). Naquele mesmo ano, juntamente com o advogado João Novais de Souza e um sócio espanhol, Amâncio Rivera Rodriguez, Sampaio funda a Centauro do Brasil Cinematográfica Ltda., com um modesto capital de Cr$ 60 mil e o propósito de atuar na produção, distribuição e exibição de filmes, e em serviços gerais de laboratório. Após exercitar-se na direção de dois filmes curtos, Sampaio forma em 1947 o grupo Os Cineastas, do qual também faziam parte Novais de Souza, o jornalista Darcy Evangelista e os também médicos Flávio Cordeiro e Samuel Markenzon.

Sampaio e Os Cineastas realizaram *Uma aventura aos 40* (Silveira Sampaio, 1947), que recebeu em 1948 cinco dos principais prêmios da Associação Brasileira dos Cronistas Cinematográficos: melhor filme, melhor roteirista, argumentista e diretor (Silveira Sampaio), e melhor ator (Flávio Cordeiro). Mas apesar de todo o incentivo da crítica, Os Cineastas não prosseguiu, e Silveira Sampaio passou a se dedicar ao teatro, deixando incompleto o seu segundo filme, *As sete viúvas de Barba Azul* (iniciado em 1948).

Em 1949, a Centauro ressurge no noticiário especializado anunciando uma sociedade com a Proarte (Filmoteca Cultura), produtora de Affonso Campiglia, para a produção de *A inconveniência de ser esposa*, a ser dirigida por Silveira Sampaio. Esse projeto também não foi em frente, e a peça só foi levada ao cinema no ano seguinte por Moacyr Fenelon, sendo que a direção foi confiada a um ex-integrante do antigo grupo Os Cineastas, o estreante Samuel Markenzon, ficando o roteiro a cargo do próprio Sampaio. Embora irregular, a direção de Markenzon conseguiu imprimir – sobretudo na primeira metade do filme – uma relativa agilidade na narrativa, procurando com isso driblar os "perigos" da teatralidade dos diálogos, quase sempre concentrados em ambientes fechados.

Silveira Sampaio foi também roteirista da comédia *Quem roubou meu samba?* (José Carlos Burle, 1958), que, ao contrário da versão cinematográfica de *A inconveniência de ser esposa*, foi um sucesso de bilheteria. Nesse meio tempo, apareceu em *O canto da saudade* (Humberto Mauro, 1952), interpretando a si mesmo ao lado de sua companhia teatral. Depois disso, apenas em 1970, ou seja, cinco anos após a morte de Sampaio, uma outra peça de sua autoria – *A garçonnière do meu marido* – foi adaptada para o cinema com o nome de *A arte de amar... bem*, filme dirigido por Fernando de Barros.

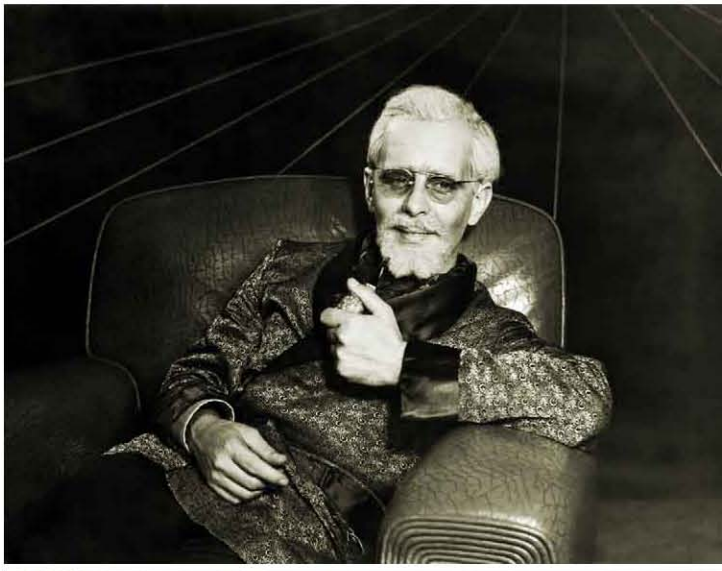
Se compararmos a trajetória cinematográfica de Silveira Sampaio com sua carreira teatral ou televisiva, torna-se evidente o desnível. O sucesso da *Trilogia do Herói Grotesco* (*A inconveniência de ser esposa*, *A garçonnière do meu marido* e *Da necessidade de ser polígamo*) em suas temporadas no Teatro de Bolso (1949-51) marcou época, colecionando aplausos do público e da crítica e destacando o nome de Sampaio como um dos inovadores do teatro moderno brasileiro. Com *Só o Faraó tem alma*, *Sua Excelência em 26 poses* e a menos bem-sucedida *Paz entre os bichos de boa vontade*, Sampaio experimentou a sátira política. Levou ao palco discussões acerca da psicanálise (*Deu Freud contra*) e, já no final dos anos 1950, resgatou o gênero do teatro de revista com grandes sucessos de público como *No país dos cadillacs* e *Brasil, de Pedro a Pedro*. Ao longo desse percurso, recebeu seguidos elogios por seu tríplice trabalho de autor, diretor e ator.

Na televisão, o sucesso de Silveira Sampaio não foi menor. Na passagem dos anos 1950-60, primeiro em São Paulo e posteriormente no Rio de Janeiro, a popularidade de programas como *Bate-papo com Silveira Sampaio* e *Silveira Sampaio Show* selava uma inegável afinidade entre a teatralidade da *persona* de Sampaio e o novo meio de comunicação que caía cada vez mais no gosto do brasileiro de classe média. Aliás, Sampaio interessou-se pela televisão desde seu surgimento no Brasil, em 1951. Além de produzir, dirigir e interpretar teleteatros, manteve um programa de sátira ao cinema brasileiro, "com seus diretores-curiosos, seus astros temperamentais, seus técnicos-geniais e suas trapalhadas" (O Cruzeiro, 8/9/1951), intitulado *Galarim Filmes*.

ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA

Uma aventura aos 40

ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA



Já em *Uma aventura aos 40*, a precariedade do cinema brasileiro era apontada e mesmo assumida pelo grupo Os Cineastas: nos letreiros de apresentação, há um texto explicativo e irônico no qual os realizadores se declaram amadores e quase se desculpam pelo filme realizado, prometendo na próxima fazer melhor. O que poderia ser um ponto extremamente negativo (o amadorismo) acabou se tornando um simpático diferencial de grande apelo publicitário.

Os críticos teatrais ressaltavam a maneira peculiar e não naturalista de Silveira Sampaio representar. No entanto, com exceção da rápida aparição em *O canto da saudade*, não há registros que nos permitam hoje conhecer melhor seu estilo de atuação. Em *A inconveniência de ser esposa*, Samuel Markenzon preferiu trabalhar com Luiz Delfino no papel antes vivido no palco pelo próprio Sampaio. Seria mesmo o cinema seu meio de expressão mais adequado?

Se no início deste texto mencionamos o envelhecimento temático de algumas das peças de Silveira Sampaio, não se pode dizer o mesmo de *Uma aventura aos 40*, único filme que esse homem de teatro e televisão dirigiu. Essa comédia futurista e sofisticada, com sequências rodadas diretamente em locações e um altíssimo grau de invenção na forma como solucionou inúmeras questões de ordem técnica, permanece viva e seu interesse aumenta à medida que os anos passam. O que não deixa de ser irônico: em sua época, o teatro e a televisão deram a Sampaio muito mais do que o cinema, e a recíproca foi verdadeira.

Uma aventura aos 40